

# Sarney quer começar vida nova

Perto de deixar o cargo, presidente diz que a doença de Tancredo foi um raio sobre sua cabeça

FLAMARION MOSSRI

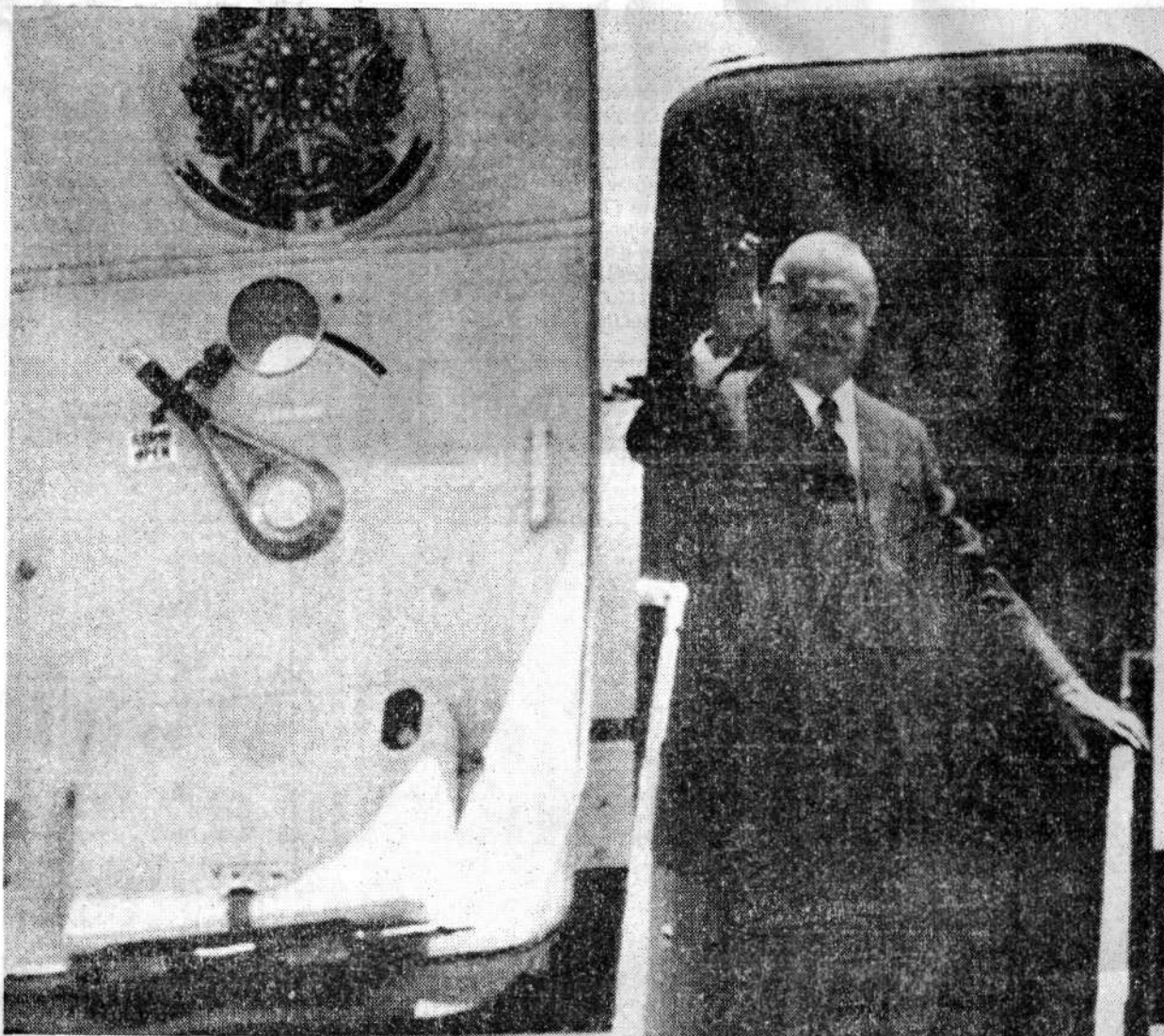
BRASÍLIA — A apenas alguns dias do fim de um mandato no cargo para o qual foi levado por força da morte de Tancredo Neves, o presidente José Sarney não esconde que se sente aliviado de uma carga muito pesada e, quase como um colegial em início de férias, diz: "Estou no começo de uma vida nova". Sarney usa uma comparação para explicar a noite de 14 de março de 1985, quando soube da doença de Tancredo Neves, que o levou a assumir a Presidência da República: "Foi um raio que caiu sobre minha cabeça".

Insistindo sempre na obra institucional que realizou, nos últimos cinco anos, com orgulho, cita a definição de Winston Churchill: "Quando a campainha da porta da casa toca às seis horas da manhã, podemos atender com certeza que é o leiteiro e não a polícia. Isto é democracia".

O ex-presidente pretende isolar-se por um período ainda não definido na Ilha do Curupu, no Maranhão. "Vamos ver por quanto tempo vou ficar na ilha — pode ser alguns dias, pode ser algumas semanas, meses será muito difícil." Na ilha não pretende ler jornais, nem ouvir rádio, muito menos ligar a televisão: "Luz elétrica lá tem, mas não vou levar nada", garante. Sua mulher, Marly, deverá dar a palavra final sobre a duração do retiro.

Embora desejando isolar-se, Sarney já aceitou dois convites para conferências no Exterior: do economista John Kenneth Galbraith e de uma instituição de Nova Iorque. O tema será "Como Governar a América Latina". O ex-presidente argentino, Raul Alfonsín, seu amigo pessoal, já fez aquele roteiro e gostou.

Lembrando sua condição de ex-deputado, ex-senador, ex-governador, ex-chefe partidário até quinta-feira, ex-presidente da República, José Sarney faz a



José Paulo Lacerda/AE

*Sarney, embarcando para o Chile: emoções e desabafo de fim de governo*

ressalva — "Se minha experiência pesar e for solicitada, poderei atender pedidos de opinar, sugerir, ou avaliar os problemas do País".

Sem esconder o alívio de deixar o cargo, conta o episódio com a segurança do Alvorada, ao sair de automóvel, com D. Marly dirigindo:

"Foi uma beleza. Como pessoas da classe média, eu e Marly nos deliciamos com o automóvel novo, olhando o porta-mala, o painel, o som, as luzes. Marly, emocionada, resolveu testar o carro nas alamedas do Alvorada. Fui de carona. Ficamos sor-

rindo o tempo todo. Ela resolveu, então, dar uma voltinha na área externa do Palácio. O guarda quase morreu de susto. Tinha de informar a segurança. Marly insistiu: 'Vamos ficar por aqui pertinho'. O guarda nervoso e surpreso acabou concordando. Sentimos uma alegria imensa".

"E as críticas da imprensa ao seu governo?"

"Deixo o Palácio com a certeza de que nenhum jornalista, nenhum colega, nos últimos cinco anos, disse que tinha medo do Sarney. Cada um escreveu

e falou o que quis do presidente".

Sarney não fica revoltado ao ouvir e ler que foi um chefe de governo fraco, por demais tolerante, frio a certas críticas duras, sem reagir aos ataques.

"Tive 27 anos de mandato popular. Fui governador e presidente. Não posso ter ficado esclerosado. Nem fiquei burro. Fiz o que pude fazer. Se nem tudo deu certo, principalmente no combate à inflação, não foi por falta de disposição, de vontade de acertar. Governar é muito duro" — desabafa, sem esconder a emoção e sem evitar lágrimas nos olhos.